

PENSAR A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ESPORTE A PARTIR DO BOXE PRATICADO POR MULHERES

GUSTAVO ANDRADA BANDEIRA*, VERÔNICA MOREIRA**

Resumo: Os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero? Poderia existir uma exigência de performance esportiva que desconsiderasse o corpo sexuado/generificado de seus e de suas atletas? Qual o peso dos adjetivos de gênero masculino ou feminino para pensar as práticas esportivas? Partimos de uma experiência etnográfica de uma antropóloga que passou a praticar boxe em dois ginásios em Buenos Aires, Argentina. Também acompanhamos, no meio da torcida, no ginásio da Federação Argentina de Boxe a luta pela unificação dos títulos mundiais entre as lutadoras Celeste *La Bestia* Peralta e Ana Laura *La Monita* Esteche, em 2016. Talvez a ideia do esporte sem gênero possa ser entendida como certa utopia. Eventualmente, os esforços poderiam caminhar por essa direção fazendo com que as qualidades das ações nas práticas esportivas possuam maior preponderância do que o sexo/gênero daqueles que praticam determinada modalidade.

Palavras-chave: Gênero. Esporte. Boxe.

Thinking about the relation between gender and sport based on boxing practiced by woman

Abstract: Could sports enhance a discussion about the concept of gender? Could there be a sport performance requirement that disregard the sexed/gendered body of athletes? what is the weight of male and female adjectives to think about sports practices? We start from an ethnographic experience of an anthropologist who practiced boxing at two gyms in Buenos Aires, Argentina. As well, we watched, from the middle of the crowd, in the Gymnasium of the Argentine Boxing Federation, the match for the unification of world titles between the fighters Celeste *La Bestia* Peralta e Ana Laura *La Monita* Esteche, in 2016. Perhaps the idea of the sport without gender can be understood as a certain utopia. Eventually, efforts could move in that way making the qualities in the sports practices have greater preponderance than sex/gender of those who practice a certain modality.

Keywords: Gender. Sports. Boxing.

*Doutor em Educação (PPGEdu/UFRGS). Técnico em Assuntos Educacionais na Escola de Administração/UFRGS. E-mail: gustavoabandeira@yahoo.com.br

** Pesquisadora Adjunta do CONICET. Doutora em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires (FSOC/UBA). E-mail: veromoreira175@gmail.com

AQUECIMENTO

O esporte moderno, tanto em sua prática como em sua fruição, pode ser entendido como uma arena de construção de gênero. Por mais que narrativas do senso comum naturalizem as diferenciações entre esportes praticados por homens ou esportes praticados por mulheres:

(...) as práticas corporais e esportivas não são “naturalmente” de predominância masculina ou feminina. Como qualquer outra instância social, constituem-se como espaços de generificação, não porque refletem as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral, mas, fundamentalmente, porque as produzem e reproduzem (GOELLNER, 2013, p. 29).

Podemos ler os esportes como um *espaço de generificação* de nossa cultura. Eles produzem e fazem circular entendimentos específicos sobre feminilidades e masculinidades. Essas construções de masculinidades e feminilidades não devem ser entendidas como simples descrições ou constatações de diferenças entre os sexos, mas como produtoras de entendimentos que não apenas reforçam diferenças, mas acabam construindo desigualdades.

Essas desigualdades tendem a valorizar mais as práticas dos esportes pelos homens, especialmente se pensarmos em esportes populares como o futebol na América Latina ou os esportes de combate. A própria concepção do esporte carrega, historicamente, essa hierarquização que valoriza elementos associados aos homens e à masculinidade. Georges Vigarello recorda que nos princípios do século XX,

(...) os ideólogos do esporte, em particular, multiplicam os argumentos que promovem a perfeição masculina: tanto o vigor como sua aplicação monitorada, tanto o “músculo” como sua “utilização” moral, a exemplificação dos confrontos, a “luta” de homens valorizados, legitimados por um universo de árbitros e de regulamentos. Assim, uma qualidade se impõe no âmago da excelência, ou seja, a virilidade (2013, p. 270).

O mesmo autor destaca que a virilidade perderia seu protagonismo quando, a partir da presença das mulheres no esporte, os mesmos atributos como força, coragem e determinação seriam valorizados e exigidos, também, para elas (VIGARELLO, 2013). Atributos semelhantes na expectativa pela prática esportiva realizada por homens e mulheres acaba colocando o gênero no centro do debate esportivo, especialmente quando olhamos para o esporte de rendimento. Conquanto o sexo/gênero permaneça como posição normativa, o bom desempenho esportivo depende da capacidade de aprendizagem e de execução dos gestos técnicos de determinada modalidade esportiva.

O esporte de rendimento exige um desempenho ligado à condição física e, por isso, podemos observar a preocupação de que ele possa masculinizar atletas mulheres, uma vez que a feminilidade convencional não incorpora imagens de força física e musculosidade. As mulheres que praticam esporte assumem atributos do gênero masculino (em virtude do desenvolvimento dos músculos e da força), extrapolando as normas do seu gênero (SILVEIRA; VAZ, 2013, p. 295).

Partindo desses apontamentos nos permitimos fazer pequenas notas que nos ajudam a construir o questionamento que tentará servir de argumento para a escrita deste artigo. Apesar de, normativamente, o gênero ser colocado em corpos entendidos como naturalmente distintos a partir do dimorfismo sexual, outros arranjos poderiam ser pensados para além dessa correspondência sexo-gênero.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2004, p. 21).

Eventualmente, os esportes poderiam potencializar uma discussão sobre o conceito de gênero. Poderia existir uma exigência de performance esportiva que desconsiderasse o corpo sexuado/genericado de seus e de suas atletas? Ao mesmo tempo em que permanece sendo uma das áreas que realiza a maior diferenciação entre homens e mulheres (como nas competições exclusivas ou separadas), uma expectativa de performance idêntica nos esportes, de alto rendimento ou lúdicos, poderia borrar as fronteiras de gênero? Qual o peso dos adjetivos de gênero masculino ou feminino que substancializariam os sujeitos para pensar as práticas esportivas? Quem poderia e qual a potência de pensar o esporte sem o adjetivo genericado?

Para tentar responder a essas inquietações tomamos duas situações para análise a partir da prática de boxe por mulheres. Na primeira relatamos uma experiência etnográfica de uma antropóloga que passou a praticar boxe em dois ginásios em Buenos Aires, Argentina¹. A segunda experiência foi acompanhar, no meio da torcida, no ginásio da Federação Argentina de Boxe, a luta pela unificação dos títulos mundiais da Federação Internacional de Boxe, Organização Mundial de Boxe e Associação Mundial de Boxe na categoria superligeiro entre as lutadoras Celeste *La Bestia* Peralta e Ana Laura *La Monita* Esteche, em 2016.

Este artigo está dividido em quatro partes. Após essa breve apresentação faremos uma discussão sobre os entendimentos dos conceitos de gênero e sua relação com os esportes. Na terceira parte do texto explicitamos com maior vigor os dois episódios que compõem nosso material empírico. Finalizamos o texto tentando responder algumas das questões que nos inquietaram para a construção de nossa investigação e ainda colocamos mais algumas que nos permitem dialogar com novos projetos para o futuro.

GÊNERO E ESPORTES

Em nossa cultura, gênero pode ser entendido como um elemento que define inteligibilidade. Ele é um processo sem origem nem final, mas que se constrói em uma sequência de atos que está sempre ocorrendo. Segundo Judith Butler, as identidades de gênero e de sexualidade são performativas, “o gênero é sempre um feito, (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída” (2003, p. 48). Com isso, podemos entender que a identidade genericada necessita de uma constante reiteração: “Se o gênero não pode ser compreendido como algo que está dado ou que é inscrito nos corpos de uma vez só, de um só golpe, e sim como uma sequência de atos, é possível pensar que será apenas a reiteração continuada desses atos que cria sua aparência (ou sua ilusão) de naturalidade”. (LOURO, 2017, p. 20).

Desde essa perspectiva, ser homem ou ser mulher é algo que *fazemos* e não algo que *somos*. Neste trabalho, a construção genericada deve ser entendida como

(...) um processo contínuo de repetições que, ao mesmo tempo, anula a si mesmo (pois mostra a necessidade de repetir-se para substituir) e aprofunda suas regras. (...) assumir um gênero não é algo que, uma vez feito, estabiliza-se. Ao contrário, estamos diante de uma inscrição que deve ser continuamente repetida e reafirmada, como se estivesse, a qualquer momento, a ponto de produzir efeitos inesperados, sair dos trilhos (SAFATLE, 2015, p. 189).

O conceito de gênero com o qual estamos trabalhando ancora-se nos Estudos de Gênero Pós-Estruturalistas e nos Estudos Culturais (MEYER, 2003). Nessa perspectiva, o conceito não pode ser reduzido a nenhum aspecto essencialista, seja ele biológico ou cultural. Os gêneros estão imbricados em processos pedagógicos que utilizam diferentes estratégias metodológicas, dentre as quais a reiteração e a repetição de práticas construídas como culturalmente adequadas.

O conceito de gênero, nessa perspectiva, aponta para quatro desdobramentos importantes. O primeiro destaca a permanente construção dos sujeitos de gênero. Essa construção não é um processo linear ou evolutivo. Aprendemos, em diferentes instituições, práticas e artefatos culturais, formas adequadas de *exercer*, de *fazer* e de *desfazer* um gênero. Essas aprendizagens acontecem ao longo de nossas vidas. Ileana Wenzel chama de *processos de generificação* “aos diferentes modos pelos quais significados ou atributos culturais de feminilidade e masculinidade são incorporados/aprendidos pelos sujeitos, e a partir dos quais eles articulam diferentes negociações, rejeições ou aceitações que constituem essas aprendizagens” (2013, p. 199).

O segundo desdobramento do conceito demonstra a existência de diversas masculinidades e feminilidades que variam em diferentes tempos e espaços e dentro de uma mesma cultura em um mesmo tempo histórico. O conceito tem sua potencialidade aumentada quando se associa a outros marcadores sociais dentre os quais sexualidade, classe social, religião, raça/etnia, nacionalidade... (MEYER, 2003).

A relação entre os sujeitos de gênero é a terceira implicação do conceito. Mesmo entendendo que “contemporaneamente, as classificações binárias de masculinidade e feminilidade (...) não dão mais conta das possibilidades de práticas e de identidades experimentadas pelos sujeitos” (LOURO, 2017, p. 79-79), podemos visualizar que as construções de feminilidades possuem nas masculinidades o seu oposto, seu limite, sua fronteira. Esse binarismo é uma relação infinita, com fronteiras cambiantes. Ele ajuda a construir uma ficção de estabilidade que é reiteradamente afirmada para provocar uma suposta permanência.

A última implicação do conceito de gênero nos mostra como as diferentes instituições sociais são atravessadas por pressupostos de masculinidade e de feminilidade. Elas são produzidas por pressupostos de gênero ao mesmo tempo em que participam das produções de gênero (MEYER, 2003).

Podemos caracterizar o que no senso comum nos autorizamos a chamar de “nossa cultura” como heteronormativa². “As normas de gênero não atuam apenas produzindo o dimorfismo sexual macho-fêmea assumido como sexo. O investimento normativo na materialização desse binarismo invoca, de forma concomitante, o funcionamento da hegemonia heterossexual” (DORNELLES, 2013, p. 231). A heteronormatividade atua como um amplo sistema de relações de poder vinculadas a práticas e a instituições que colocam a heterossexualidade como a norma cultural. Ela acaba por construir e manter uma *superioridade* ou *privilégios* dos sujeitos identificados com a heterossexualidade. Guacira Louro lembra que para que as posições hierarquizadas apareçam é necessário um investimento repetitivo e continuado.

Para garantir o privilégio da heterossexualidade – seu status de normalidade e, o que é ainda mais forte, seu caráter de naturalidade são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (na família, na escola, na igreja, na medicina, na mídia, na lei). Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu (2009, p. 89).

Essa necessidade incessante de reiteração da heterossexualidade é o que poderia criar determinadas condições para o aparecimento de formas de resistência. Segundo Butler, “toda vez que a lei é reiterada, há uma refundação e uma reinstituição” (2012, p. 23).

Pensando no gênero como uma performatividade, o enfrentamento dentro das *cordas*³ teria, necessariamente, que ser colocado a partir de um entendimento binário de gênero ou poderíamos pensar em um gênero da prática esportiva? Dito de outro modo, o gênero das atletas e dos atletas é vinculado às construções culturais do circuito da cultura ou é aprendido ao longo dos treinamentos em um processo de construção constante? É possível pensar em um gênero *boxe* que ignore a divisão do esporte entre sexo/gênero?

O boxe é um esporte de contato em que duas pessoas se enfrentam golpeando-se com os punhos protegidos por luvas. Os golpes são direcionados para qualquer parte da frente ou dos lados da cabeça e do corpo acima da cintura. Os seis golpes permitidos podem ser aplicados com ambas as mãos ou em combinação. Os oponentes lutam um duelo em um ringue durante um número programado de rounds de dois ou três minutos com um minuto de descanso, dependendo de se a luta é entre profissionais ou amadores, homens ou mulheres. As lutas são organizadas de acordo com a distinção biológica/cultural de sexo/gênero (macho/masculino ou fêmea/feminino) e de acordo com categorias que são definidas pelo peso corporal dos e das atletas⁴. “Esse caráter biologizante da prática desportiva sempre se afigurou como argumentação única, e parece ter-se apoderado das formas como sempre foi, e ainda é, olhado o desporto” (SILVA; GOMES, 2013, p. 58).

O objetivo do enfrentamento é derrubar o adversário. Caso isso não aconteça, a decisão sobre o resultado da luta fica para o júri, pois o boxe também é um esporte de apreciação estética com critérios para sua avaliação. Como todo esporte de combate, ter uma atitude agressiva – *buscar a luta* ou dominá-la com a destreza dos punhos – é condição indispensável. Devido às características do esporte, é comum ver a olho nu, durante uma luta, os rostos dos atletas ou das atletas vermelhos ou inchados, uma sobrelance dilatada, um corte na têmpora devido a um choque involuntário de cabeça, corpos exaustos e, em casos mais incomuns, ossos quebrados. Isso ocorre preferencialmente no boxe profissional onde as luvas são – ao contrário do boxe amador (que inclui o boxe olímpico) – menores, as bandagens de proteção por baixo da luva são mais rígidas, as lutas mais extensas e não se usa protetor para a cabeça. Do ponto de vista exógeno, o esporte pode ser interpretado como uma modalidade violenta e rústica, mas a exibição do *bom boxe* exige vários anos de preparação para consolidar uma série de aptidões corporais que vão sendo aprendidas progressivamente durante os intensos treinamentos nos ginásios. O boxe não é apenas uma questão de força, potência e resistência. Ele também envolve coordenação, equilíbrio e inteligência. É preciso golpear e não ser golpeado. Essas aprendizagens podem ser realizadas por mulheres e por homens.

DOIS OLHARES PARA O BOXE PRATICADO POR MULHERES

Experiências em espaços de treinamento

Na Argentina, o boxe é um esporte bastante relevante. Até o presente, é a modalidade olímpica que mais medalhas deu ao país. Na tentativa de mapear algumas aprendizagens dessa prática através do corpo durante o treinamento do boxe, uma das autoras deste artigo realizou uma etnografia em dois ginásios de classe média da cidade de Buenos Aires entre 2016 e 2019⁵. A prática do esporte foi utilizada como estratégia para procurar entender as características e sutilezas da disciplina. Essa metodologia foi fundamental para a inscrição dentro do esporte e o treinamento nos ginásios de boxe permitiu conhecer, e mesmo incorporar, as regras, as táticas e as técnicas da prática. A observação participante, com seu alto nível de envolvimento no campo, não somente concedeu uma linguagem específica a partir da qual também compreendíamos a prática, mas também funcionou como um recurso para interagir com os/as colegas, pessoas ligadas ao boxe, boxeadores e boxeadoras amadores e profissionais.

Dentro do treinamento em uma academia, no bairro de Chacarita, foi possível ver como as relações de gênero eram inicialmente marcadas neste espaço destinado, especialmente, para os treinamentos nos níveis recreativos e competitivos para os amadores. Durante os treinamentos de *trocadas de luvas*⁶, os homens explicitavam a proposição de suavizar os golpes e tentavam *controlar a força* quando essa prática acontecia com colegas mulheres. As falas também produziam diferenças. Determinados comentários apontavam especialmente para as mulheres. Por vezes, o professor dizia para todo o grupo: “*vou cobrar mais das mulheres*”. No contexto em que era realizada, essa fala sugeria que as mulheres teriam menos habilidades, eram piores e tinham mais dificuldades para aprender. Esses comentários, realizados através do formato de piadas, eram somados a outros gestos e atitudes. Durante uma conversa informal, fora do horário de treinamento, uma aluna do turno da noite comentou sobre o tratamento discriminatório realizado pelo treinador: “*nos dávamos conta de que havia um tratamento diferenciado em quantidade e qualidade. Nunca entrávamos com os protetores de cabeça, ele sempre nos indicava fazer as mesmas coisas, sempre subíamos ao ringue e fazíamos grupo entre nós, nunca treinávamos com*

os homens”. A mesma aluna comentou que o treinador teria preconceito entendendo as mulheres como *sexo frágil*, com menos força e capacidade técnica. Parte dessas expectativas era confirmada, com o treinador sempre indicando que elas fizessem uma menor quantidade de repetições e variedades de exercícios, dificultando a melhora da qualidade física e a incorporação de novas técnicas. Além disso, as mulheres, quando descritas, muitas vezes eram nomeadas como namoradas, esposas ou mães de alguém, reforçando a fixidez dos lugares de gênero e, também, naturalizando, para além da masculinidade, a heteronormatividade neste contexto esportivo.

Através da prática do esporte foi possível questionar esse olhar relativo à participação das mulheres. Foi possível perceber que, ao participarem dos treinamentos, as mulheres buscavam realizar os exercícios de forma idêntica aos homens. Mais do que o gênero, o que diferenciava a prática era seu compromisso com o esporte. O treinamento das mulheres com alto grau de envolvimento com o esporte era mais semelhante ao treinamento de homens com o mesmo grau de envolvimento do que ao de outras mulheres com grau de envolvimento menor. Eram poucas as mulheres que participavam do treinamento em mais de um turno, mas essas queriam ampliar sua aprendizagem e melhorar o rendimento. Algumas delas, inclusive, cogitavam a possibilidade de fazer uma exibição ou mesmo uma carreira em âmbito amador. A luta por um lugar legítimo no ginásio traduzia-se em conseguir chamar mais atenção e receber mais explicações e tempo do treinador. Essas mulheres tinham o desejo de participar de exercícios de maior exigência e complexidade, tentando colocar os gestos e técnicas incorporados e procurando realizar o esporte em igualdade de condições com os demais companheiros.

O professor tinha um cuidado especial com o grupo de jovens homens de nível competitivo, perguntando sobre sua alimentação e descanso. Esses eram seguidos mais de perto por manter uma prática regular. A piada disciplinadora também era dirigida a eles. Era comum escutar: “*vocês se fazem de valentes na balada e aqui...*”, na tentativa de colocar em dúvida a agressividade e a resistência dos jovens quando estavam treinando no ringue. A música, que organizava as etapas de trabalho no ginásio, também inspirava frases com tons jocosos. Quando tocava algum ritmo musical incomum, especialmente diferente de rock ou heavy metal, apareciam os comentários: “*o que é essa música de gay? Se você é gay que não se note*”. Isto acontecia com o acompanhamento de gestos, movimentos e olhares que provocavam gargalhadas e sorrisos. Estas situações somavam-se a um plano de treinamento forte e regular que dava como resultado a formação de boxeadores sob o paradigma de honra viril (WACQUANT, 2006; MORENO ESPARZA, 2011). A pedagogia do ginásio gerava efeito tanto nas alunas quanto nos alunos, que terminavam reforçando o modelo tradicional do esporte que, baseado na argumentação médica e biológica, reforçava a existência de uma relação complementar, oposta, diferencial e desigual entre os gêneros.

A experiência em um segundo ginásio, no bairro de Almagro, foi um tanto distinta. As aulas do turno da manhã estavam divididas em três níveis: recreativo, competitivo amador e um seletivo grupo de profissionais. Os alunos dos últimos grupos treinavam entre si. Os alunos amadores competitivos normalmente conseguiam boas classificações em torneios e na Liga Metropolitana de Boxe, onde também lutavam e ganhavam os boxeadores do primeiro ginásio. Mesmo considerando a presença majoritária de homens, a figura de referência neste ginásio era uma boxeadora profissional que começou a treinar ali quando tinha dezesseis anos e fez sua carreira até se converter na primeira atleta do clube a ganhar um título argentino e um título internacional: o latino-americano na categoria superpluma da Confederação Mundial de Boxe.

Cielo Juárez atualmente tem pouco mais de trinta anos e é a professora da turma recreativa. Em diferentes ocasiões, de maneira espontânea, seu treinador disse sobre ela: “*foi a primeira em tudo*” e “*é um exemplo de disciplina, trabalho e respeito. Não falta nunca*”. Cielo tem um perfil franzino e caracteriza-se pelo treinamento regular que realiza de segundas a sábados praticando boxe pela manhã e fazendo preparação física à tarde. Estudou licenciatura em Psicologia na Universidade de Buenos Aires, mas se define como *boxeadora* porque sua vida se organiza em função do esporte. A atleta conseguiu o triunfo esportivo, o respeito de seu professor (que confessou que não gostava de treinar mulheres) e o reconhecimento de seus colegas homens. Esta experiência é comum entre as esportistas com distintos níveis de desenvolvimento em suas carreiras, que comentam que, ao mostrarem condições físicas e compromisso com o treinamento, começaram a ser respeitadas pelos treinadores e colegas. Elas acabam por ser reconhecidas com

os mesmos termos que definem os homens boxeadores: lutadoras fortes, resistentes, valentes, agressivas e potentes.

A rotina de treinamento no boxe dá como resultado o desenvolvimento de determinadas partes do corpo, como o trem superior com braços musculosos, ombros grandes, costas elevadas e abdomens marcados, características compatíveis com o modelo corporal normativo dos homens em nossa sociedade contemporânea. O treinamento produz nas mulheres uma estrutura corporal similar com braços, ombros e costas musculosas, o que não provoca o mesmo nível de aceitação. Comentários como “*não têm peitos*”, “*faltam quadris*”, “*não têm cintura*”, que aparecem através da comparação com uma feminilidade normativa, trazem implícito um questionamento de sua condição como mulheres. A crítica transcende o meramente esportivo: já não se trata da discussão sobre o uso da força, a coragem, a potência ou a técnica, senão do juízo sobre o corpo das atletas. Por outro lado, é necessário dizer que, embora os corpos musculosos ultrapassem os limites normativos do gênero e coloquem em questão o estereótipo do *sexo frágil*, por vezes são as mesmas alunas ou lutadoras quem visibilizam as perguntas por uma estética feminina.

A LUTA NO MEIO DA TORCIDA

Na sexta-feira, 4 de novembro de 2016, enfrentaram-se no ginásio da Federação Argentina de Boxe as então campeãs mundiais na categoria superleiteiro Celeste *La Bestia* Peralta e Ana Laura *La Monita* Esteche. Antes do início da luta, o narrador do ginásio solicitou, por medida de segurança, que ninguém subisse nas grades. O locutor afirmou que a segurança era muito importante para este espetáculo familiar. Em investigação sobre a elitização dos estádios de futebol no Brasil (BANDEIRA, 2019), o conceito de família apareceu como uma oposição ao comportamento representado como popular nos estádios de futebol, especialmente vinculados aos homens e às torcidas organizadas. Também pensando sobre estádios e torcidas de futebol, Richard Giulianotti destaca que o conceito de família pode ser utilizado, em alguma medida, para a *privatização da paixão*, “a liberação das emoções mais calma, mais pessoal ou familiar nas arquibancadas substitui a antiga paixão quase religiosa do carnaval da torcida nas arquibancadas” (2010, p. 110). Diferentemente das torcidas de futebol, em que grupos de equipes distintas estão separados fisicamente, no ginásio, mesmo que fosse possível identificar as torcidas de cada lutadora, também existia um público misturado dando conta das regras de convivência diferentes, permitindo que algumas pessoas sublinhassem que ali tudo “*era como uma família*”; “*um ambiente pequeno*”; “*todos se conhecem*”.

O combate marcaria a unificação dos títulos da Federação Internacional de Boxe, Organização Mundial de Boxe e Associação Mundial de Boxe. A luta entre mulheres foi a última de um cartel de seis enfrentamentos naquela noite na Federação Argentina de Boxe. Se por um lado é interessante pensar que uma luta entre mulheres tenha fechado a noite como principal atração, após cinco disputas entre homens, também não é possível ignorar que a única luta entre mulheres foi a da unificação de três títulos mundiais antecipada por lutas entre homens sem a mesma hierarquia esportiva.

Sem muita experiência em assistir a esportes de combate, não procuramos visualizar as diferenças técnicas entre a luta praticada por homens e a luta praticada por mulheres. O nível das campeãs mundiais era bastante alto, o que nos permitiu interpretar que essa foi a luta mais interessante da noite. A mobilização dos torcedores e das torcedoras foi mais intensa na luta que valia o título mundial, o que não nos autorizou a fazer maiores inferências, uma vez que a luta poderia ter mobilizado mais o público tanto por ser entre mulheres quanto pela qualidade esperada em um confronto de nível tão elevado. As atletas representavam os dois principais estilos do boxe. Um dos estilos é o de *golpeadora*, que busca o nocaute com uma atitude ofensiva, confiando na potência e na força de seus golpes, estilo representado por *La Monita*. O outro estilo caracteriza-se por uma técnica mais apurada entre os movimentos de ataque e defesa sobre o ringue. Aqueles que se associam a este último estilo explicam que no boxe não se trata apenas de golpear, mas também “*da arte de defender*”, “*a arte de bater e não apanhar*”. “*Ser uma estilista*” são as palavras nativas para referir-se a este boxe, palavras que se aplicam também ao público que aprecia e defende este estilo, na luta representado por *La Bestia*.

Assistir a esportes de combate desloca-nos em relação ao conforto ou desconforto em relação ao entendimento de violência. Com Norbert Elias (1992) pensamos que a maioria dos esportes

carrega fatores de competitividade que incluem força corporal ou destrezas não militares. As regras servem para que os competidores tenham o menor risco de dano físico possível. A esportivização dos passatempos foi realizada pela sociedade britânica e exportada para todo o mundo dentro do esforço civilizador europeu. O surgimento do esporte como uma *forma de luta física não violenta* desenvolveu-se dentro de uma sociedade em que se apaziguaram os ciclos de violência. Ao assistir aos combates, mesmo reconhecendo essas inscrições e percebendo que as atletas envolvidas tinham grande capacidade física, diversos movimentos, talvez mais especialmente os socos cruzados, nos fizeram revirar os olhos em algumas oportunidades. Essa ação aconteceu tanto na luta entre as mulheres como nas lutas entre os homens. Em alguma medida um soco cruzado no rosto parece incapaz de ser adjetivado como masculino ou feminino. Dialogamos com Cláudia Kessler sobre a exclusão dessa adjetivação como “masculino” ou “feminino” no gesto técnico de um esporte específico: “a prática esportiva da qual se fala é a mesma, porém realizada por homens ou mulheres. O masculino ou feminino são características que podem aparecer em ambos os sexos, de maneira mesclada, dependendo das situações vividas” (2016, p. 21).

Durante a luta, a torcida parecia não se importar com o sexo/gênero das competidoras. Os gritos de incentivo foram constantes. Foi possível observar uma variedade etária bastante elevada, incluindo famílias de três gerações. O público parecia bastante associado ao bairro onde as campeãs treinavam. Os torcedores gritavam *orientando* as atletas. Os golpes na linha da cintura eram bastante indicados. Como não existia uma separação formal entre as torcidas das duas atletas, foi possível acompanhar uma série de pequenas provocações. Uma mulher jovem gritou no ouvido de uma criança que, assustada, preferiu trocar de lugar. Um senhor era o que parecia mais interessado em realizar provocações. Ao final da luta, antes da divulgação do resultado, ele foi explicar para os que estavam *sofrendo* suas provocações que aquilo não passava de brincadeira do momento da luta.

Mesmo que em nenhum momento a torcida tenha pedido que as lutadoras dessem golpes como homens ou as tenha desqualificado por ações que remetessem ao feminino, em diferentes oportunidades o gênero esteve em questão. Ao escutar os pedidos de golpe na cintura, um senhor retrucou que a cintura era aquilo que as lutadoras não teriam, marcando no corpo um retencimento a uma estética bastante específica de gênero e reforçando a normatividade de um corpo masculino para a prática do esporte. Para a lutadora *La Monita* foram oferecidas bananas, em um jocoso duplo sentido da fruta preferida do animal que lhe dava o apelido e o símbolo fálico representado pela mesma fruta.

ALGUNS APONTAMENTOS

Iniciamos este texto com algumas inquietações que colocavam em questão a possibilidade de pensar em uma prática esportiva para além do sexo/gênero de seus praticantes. Seria possível pensar em certo gênero *boxe*, tomando o conceito de performatividade? O que muda, se é que muda, em um esporte específico se a prática for realizada por homens ou por mulheres? Um cruzado diferencia-se por sua técnica ou por quem o executa? Existe alguma qualidade em um direto que se possa caracterizar como masculina ou feminina?

Com as perguntas que iniciaram nosso texto poderíamos pensar, por exemplo, que o corpo feito ao longo de anos de treinamento pode explicar muito melhor a qualidade de desempenho esportivo que o sexo/gênero do atleta ou da atleta que transformou seu corpo ao longo dos anos. Se nossa hipótese estiver correta, estaríamos caminhando para um esporte que pudesse dispensar o adjetivo de gênero? O que ganhamos e o que perdemos se fizermos essa opção?

Ao longo de nossa escrita apresentamos situações com três lutadoras profissionais de nível internacional. O treinador, que não gosta de trabalhar com mulheres atletas, reconhece o esforço e a capacidade. Esforço e capacidade, neste caso, não necessitam do adjetivo de gênero. Apesar disso, o reconhecimento às mulheres lutadoras acontece quando a elas são dados elogios similares aos dos homens lutadores. Os torcedores no ginásio, apesar de provocarem as lutadoras ao representar a normatividade de gênero em seus gritos, estavam mais excitados com o desempenho esportivo do que com a adjetivação da luta como feminina. Mas essa observação somente foi possível nesse nível muito elevado de qualidade esportiva.

O boxe, como as demais práticas esportivas, é generificado e generificador, colocando processos de generificação que vão desde o aprendizado do gesto técnico até a possibilidade das práticas amadoras e profissionais. Até mesmo a atenção do treinador poderá ser maior ou menor dependendo do sexo/gênero do atleta. As diferenças biológicas são reforçadas, naturalizadas e transformadas em desigualdade. Conseguimos observar este processo no ginásio na quantidade e qualidade dos treinamentos. Sabemos, também, que essa desigualdade de visibilidade aparece nos meios de comunicação⁷ gerando desigualdade de possibilidades econômicas para as atletas profissionais. Apesar de todo este cenário, as observações nos permitem visualizar que as atletas conseguem transgredir suas posições subalternas e lograr resultados expressivos.

Talvez a ideia do esporte sem gênero possa ser entendida ou proposta como certa utopia. Eventualmente, os esforços poderiam caminhar nessa direção, fazendo com que as qualidades das ações nas práticas esportivas tenham maior preponderância do que o sexo/gênero daqueles que praticam determinada modalidade. Muito mais do que concluir, deixamos essas questões como agenda de investigações futuras que poderiam tentar colocar à prova os conceitos de gênero e de sexualidade no contexto dos esportes, convivendo cada vez mais com o protagonismo das mulheres com corpos que poderiam colocar representações de feminilidades normativas em questão, além de apresentar outros modelos femininos. Não podemos esquecer, também, de outros atores que acabam por borrar ou tensionar as fronteiras de sexo/gênero tão fortemente reforçadas no âmbito dos esportes. Não são os corpos dos atletas, das atletas ou des atletas que deveriam ser questionados, mas como a estabilidade do binarismo do par sexo/gênero é uma ficção que acaba transformando diferenças em desigualdades. Limitados não são os corpos, são as normas de gênero. Mostrar os limites dessas normas permite-nos ampliar as possibilidades de atores autorizados a realizarem as mais diversas práticas esportivas, democratizando o acesso e permitindo a existência de um maior número de sujeitos elegíveis a viverem seus corpos, gêneros e sexualidades de forma mais plural e inclusiva, tanto no esporte como fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*. Curitiba: Appris, 2019. 283 p.
- BUTLER, Judith. Sobre o anarquismo: uma entrevista com Judith Butler. *Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 36, p. 19-27, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.
- DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero e sexualidade na Educação Física escolar: notas sobre a normalização dos corpos no interior baiano. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 215-238.
- ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p. 39-99.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. 248 p.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 23-43.
- KESSLER, Cláudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: KESSLER, Cláudia Samuel (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. p. 21-41.
- LOURO, Guacira Lopes. *Flor de açafreão: takes, cuts, close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 128 p.
- LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93. (Coleção Educação para Todos, v. 32).

- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 9-27, 2003.
- MORENO ESPARZA, Hortensia. El boxeo como tecnología de la masculinidad. *La Ventana*, Guadalajara, México, v. 4, n. 33, p. 152-196, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 173-196.
- SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho. Masculinidades como singularidades múltiplas: uma proposta de análise das masculinidades no desporto. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 45-67.
- SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 291-308.
- VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COUTRINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p. 270-301.
- WACQUANT, Loic. *Entre las cuerdas: Cuadernos de un aprendiz de boxeador*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006. 254 p.
- WENETZ, Ileana. Bonecas e Barbies no contexto escolar: feminilidades em pauta? In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 193-214.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Em função dos limites de espaço e do recorte temático deste artigo a experiência corporal de aprendizagem das técnicas esportivas durante a estada no campo não serão tema de análise.
- ² Apesar da proximidade entre os conceitos de gênero e sexualidade, que por vezes se confundem, eles não são a mesma coisa. Enquanto gênero se refere à produção de sujeitos masculinos e femininos (e cada vez mais esse binarismo vem sendo colocado à prova), a sexualidade se refere “a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais” (LOURO, 2004, p. 80). Os sujeitos são masculinos ou femininos e heterossexuais, homossexuais, bissexuais etc.
- ³ As cordas, tais quais as linhas de uma quadra de basquetebol ou voleibol, demarcam o espaço de realização das lutas.
- ⁴ Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, as mulheres foram divididas em cinco categorias por peso (mosca – até 51 kg; pena – até 57 kg; leve – até 60 kg; meio-médio – até 69 kg; médio – até 75 kg) enquanto os homens tiveram oito categorias utilizando o mesmo critério (mosca – até 52 kg; pena – até 57 kg; leve – até 63 kg; meio-médio – até 69 kg; médio – até 75 kg; meio-pesado – até 81 kg; pesado – até 91 kg; superpesado – a partir de 91 kg).
- ⁵ A pandemia de Coronavírus (COVID-19) interrompeu o trabalho de campo.
- ⁶ Treinamento em duplas em que os participantes simulam os golpes de uma luta em trocas de movimentos de ataque e defesa.
- ⁷ Essa discussão não foi contemplada neste texto.

Recebido em setembro de 2021
Aprovado em novembro de 2021